



O Arquivo como criação da memória: os Vivacqua

The Archive as a Creation of the Memory: The Vivacquas

Juliana Cristina de Carvalho

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Belo Horizonte,
Minas Gerais / Brasil

julianacristinacarvalho@yahoo.com.br

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Belo Horizonte,
Minas Gerais / Brasil

raquelbea.junqueira@gmail.com

Resumo: Pretende-se neste artigo estudar os procedimentos arquivísticos desenvolvidos por Eunice Vivacqua, autora do livro *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, e irmã do escritor Achilles Vivacqua. Para tanto toma-se como material de análise textos produzidos pela guardiã dos arquivos de Achilles, com o intuito de desvelar o percurso dos registros realizados e a forma como os materiais foram recolhidos e organizados. Entre os materiais estão documentos e cartas, elaborados por ela, como forma de orientar a recepção do material. Temos como fonte prioritária para as reflexões um documento, sem data, no qual ela fornece, de maneira bem poética e minuciosa, um retrato de seu irmão. Pretende-se analisar esse documento como uma reflexão teórica da ideia de arquivo e dos significados dos gestos realizados por essa arquivista e restauradora. Toma-se como base teórica fundamental estudos que discutem a questão da memória e do arquivo, como, por exemplo, o de Jacques Le Goff, em sua obra *História e memória*, e o de Jacques Derrida, em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*.

Palavras-chave: Vivacqua; Arquivo; Arconte; Memória.

Abstract: This article intends to study the archival procedures developed by Eunice Vivacqua, author of the book *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, and sister of the writer Achilles Vivacqua. For this purpose, material texts produced by the keeper of Achilles' files were analysed in order to unveil the trajectory of the records performed

and the way the materials were collected and organized. Among the materials one can find signed documents and letters elaborated by her in order to guide the material reception. We have as a primary source a signed document without date which offers in a very poetic and thorough way a portrait of her brother. The aim of this project is to analyze this document as a theoretical reflection on the idea of archive and the meaning of the gestures performed by this archivist and file restorer. It is based on fundamental theoretical studies that discuss the issue of memory and archive such as Jacques Le Goff's *História e memória*, and the work of Jacques Derrida, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*.

Keywords: Vivacqua; Archive; Archon; Memory.

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

Em 2006-2007, o Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da UFMG recebeu a doação de caixas contendo objetos diversos que pertenceram ao escritor capixaba Achilles Vivacqua.¹ A doação foi feita pelos sobrinhos do escritor, a pedido de Eunice Vivacqua, irmã de Achilles e, até aquele momento, guardiã dos pertences do poeta.

Eunice Vivacqua foi uma restauradora de bens culturais. Dedicou-se verdadeiramente a essa área, resgatando pinturas, esculturas, livros, gravuras, plantas e partituras. Trabalhou como funcionária da Superintendência de Museus até o ano de 1992, onde atuava como pesquisadora da arte de Minas Gerais, especializando-se no campo da iconografia religiosa. A preocupação em preservar objetos significativos

¹ Achilles Vivacqua nasceu em 02 de janeiro de 1900, na cidade de Rio Pardo (ES), atual Muniz Freire, na época Cachoeiro de Itapemirim, e faleceu em 02 de dezembro de 1942, em Belo Horizonte. Aos 20 anos foi diagnosticado com tuberculose, o que o fez mudar para a capital mineira. Publicou em revistas e jornais e apenas um único livro, em edição não comercial, cujo título é “Serenidade”.

das memórias de seu irmão, Achilles Vivacqua, foi-lhe atribuída pelo próprio escritor que, já quase vencido pela doença, e pressentindo sua partida, deixou para ela e com ela toda a sua obra literária, conhecida e inédita (manuscritos), junto com alguns pertences pessoais. Ao destinar os objetos e a obra à irmã, Achilles pediu que ela a divulgasse ao mundo, missão que prontamente aceitou. Assumi o seu papel de guardião da memória de seu irmão e de sua família. O registro da memória da família Vivacqua está firmado no livro *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, que aborda os tempos de Belo Horizonte, na década de 20, tempo da infância da restauradora.

Antes de falecer, em outubro de 2006, Eunice pediu a seus filhos que doassem à Universidade Federal de Minas Gerais o arquivo que havia recebido de seu irmão, o qual havia recuperado e tratado. Quem recebeu a doação, em dezembro daquele mesmo ano, foi a professora Constância Lima Duarte, que o doou ao AEM, um importante espaço de conservação de memórias de escritores que nasceram ou tiveram vida literária ativa em Minas Gerais.

Além dos pertences de Achilles, os sobrinhos do escritor doaram também documentos de Eunice Vivacqua. Dentre eles, documentos e cartas escritos por ela. O que se analisa neste artigo são alguns dos documentos elaborados por Eunice no processo de preparação do material a ser doado. Trata-se, aqui, portanto, do arquivo como memória familiar, antes de se tornar memória coletiva. Acompanharemos, para isso, os rastros deixados por Eunice Vivacqua e organizados, agora em um pequeno acervo encontrado no AEM, no chamado “Arquivo Eunice Vivacqua”. Sabe-se que, de acordo com Heymann (2012, p. 276), “no caso dos arquivos pessoais, a atenção às modalidades de sua constituição pode ser um caminho para alcançar a personalidade do seu titular”. Este parece ser o caso de Eunice. Por meio da organização que fez dos pertences do irmão, foram percebidos vestígios de como a restauradora preparou os documentos referentes à obra dele antes de sua doação para o AEM. Como herdeira da obra literária, de documentos pessoais e burocráticos, de objetos e fotografias, Eunice Vivacqua guardou, listou, recuperou e tratou tudo o que herdou de Achilles, registrando o processo do arquivamento em diversos documentos. Ela conseguiu tanto deixar evidências de sua admiração pelo irmão artista, como suas concepções sobre ele e seus escritos.

Ressalva-se, no entanto, ainda com Heymann, que:

[...] não se trata, aqui, de sublinhar a velha crença de que o arquivo é o caminho seguro para acessar a intimidade do acumulador, mas sim de sugerir que o arquivo, quando analisado como conjunto dotado de historicidade, revela práticas e representações que podem desvendar dimensões da autoimagem e visão de mundo de seu titular. (HEYMANN, 2012, p. 276).

Assim, o que se pode perceber ao conhecer os documentos produzidos no processo de organização do arquivo da obra do irmão, é a somatória de arquivos: temos acesso aos bens de Achilles e ao arquivo do arquivo desses bens, ampliando assim o conjunto arquivístico que aqui se quer analisar. Olhando o arquivo de Achilles pelo processo de arquivamento de Eunice pode-se conhecer tanto a autoimagem dela, quanto a de Achilles e a da família Vivacqua, bem como a imagem que a irmã constrói da obra e do escritor.

De acordo com Jacques Derrida, o termo arquivo vem de *arkê*, que remete concomitantemente a “começo” e a “comando”. Para ele, na concepção física, histórica ou ontológica, *arkê* se refere ao “[...] primeiro, ao principal, ao primitivo, em resumo, ao começo” (DERRIDA, 2001, p. 11-12).

Derrida lembra ainda que como *archivum* ou o *archium* do latim, o sentido de arquivo advém da forma grega *arkheion*, que, no princípio, representava um espaço domiciliar, um endereço dos magistrados superiores, os chamados *arcontes*, que eram pessoas que comandavam. E a competência da lei, de fazê-la e de representá-la, era atribuída àqueles que possuíam o poder político. E, dessa forma, eram em suas casas que guardavam os documentos oficiais. Assim, os arcontes eram os seus primeiros guardiões (DERRIDA, 2001, p. 12), as autoridades designadas não apenas para garantir a segurança física e o suporte dos bens depositados, mas também possuíam o poder de interpretar os arquivos. É nesse sentido que consideramos Eunice Vivacqua verdadeira arconte da memória de Achilles, seu irmão escritor, por guardar, organizar e, em alguma medida, ainda que tímida, analisar o patrimônio intelectual do irmão.

Um dos documentos significativos deixados por Eunice Vivacqua registra o processo de construção do arquivo familiar dos pertences de Achilles. Trata-se de uma carta, na qual ela registra as dificuldades para recuperar alguns itens que pertenceram ao irmão. A carta foi enviada de

Belo Horizonte, em 08 de outubro de 1972, a um destinatário referido apenas como Dina:

Após a morte de meu irmão, os demais membros da família com medo da venerável “doença do peito” doaram todos os seus pertences para o Sanatório do Morro das Pedras; a maleta com os manuscritos inéditos e publicados, livros, coleções de revistas, móveis, roupas etc.

Meu marido e eu, com muito esforço recuperamos todo o acervo literário, conforme a lista integral do serviço de Desinfecção. Só lamentei a perda da escrivanhinha que pertencera a meu pai.

Há uns anos atrás, sumira misteriosamente os originais de “Bambu Imperial”, poemas prontos para o prelo, conforme se verifica em referências críticas da época. Depois de umas “bodas de prata” de zelosa guarda franguêi² (sic) a tentação de pessoas tão inteligentes quanto cultas, todo o acervo literário de meu irmão.

Hoje, passo pela amargura de ter ficado sem alguns dos melhores inéditos, mas espero, sinceramente, que a acuidade crítica delas, me compense de não ser eu a publicá-las.

Digo isto porque sempre prestei simpática cooperação a quem me procurou com honestidade, João Alphonsus e seu livro *Antologia da poesia mineira*, entre outros, que o digam.

Remeto-lhe anexo, um levantamento biográfico e bibliográfico, nos quais fixei aspectos de interesse humano e literário. As críticas de seus contemporâneos expressam melhor que eu o poeta que Achilles é.

[...].

(VIVACQUA, 1972).

A carta de Eunice registra a indignação e a dor com o aparente desinteresse dos familiares pelos bens do irmão e procura informar como recolheu e como organizou os pertences que seriam posteriormente doados para uma instituição universitária. Deixa, ainda, indícios da importância de Achilles para seus pares, como se vê pela informação de seu contato com João Alphonsus e de sua aproximação com os modernistas. Em outro trecho dessa mesma carta lê-se:

² A palavra está grafada desse modo no documento. Considera-se que Eunice tenha querido escrever franqueei.

Aí vai algo que pude selecionar em matéria de publicações em prosa e verso, documentação crítica e cartas.

Espero que a ocasião – cinquentenário da Semana de Arte Moderna, na qual Achilles tanto participou em identidade de ideias e ideais literários, me redima do longo silêncio.

Agradeço imenso a lembrança da homenagem ao meu irmão e aproveito a oportunidade de congratular-me pelo seu ingresso na Academia.

Lamento não conhecer pessoalmente a quem veio engrandecer a vivência literária do Espírito Santo. Achilles está em boas mãos.

[...]

Sinto em mim toda a pureza e sensibilidade de um poeta como Achilles, mas, como já disse o crítico “tenho as mesmas impressões de Shakespeare, com a diferença de que ele sabe expressá-las”.

Realmente a única pessoa credenciada a afirmar sobre isto, sou eu. [...]. (VIVACQUA, 1972)

Nesse trecho do relato de Eunice, a irmã do escritor antecipa a diversidade da atuação artística e intelectual de Achilles Vivacqua (publicações em prosa e verso, crítica e cartas); destaca a adesão do escritor capixaba ao ideário modernista, aproximando-o de evento como a “Semana de Arte Moderna”. Esses indícios críticos presentes na carta da irmã, guardiã da memória do escritor, são vestígios importantes que, posteriormente, os estudiosos dos Arquivos de Achilles puderam comprovar.

Junto com a preocupação de registro das escolhas estéticas e da importância histórica do irmão, Eunice deixa entrever sua indignação e tristeza e, ao mesmo tempo, seu afeto pela memória da família e seu compromisso com ela. Certa de que a atuação do poeta, cronista, contista e jornalista Achilles Vivacqua deveria ter uma repercussão mais ampla, ela organizou o “levantamento biográfico e bibliográfico” e cooperou com os interessados na obra de Achilles. Pelo modo como registra o que considera ser a importância do irmão, Eunice transcende a missão de irmã que se torna guardiã e divulgadora da memória do irmão artista. Sua atitude sempre foi de proteção ao acervo e à memória do escritor e da família, para não deixar que caíssem no esquecimento. Tal postura pode ser percebida no fragmento que foi extraído de outro documento produzido por Eunice Vivacqua, também presente no AEM, na coleção especial de Eunice Vivacqua:

Te guardei, como uma relíquia, durante 52 anos. Depois, te tocaram mãos impuras e infiéis que te degradaram. Mas eu quero que saibas como me dói, até o fundo de minha alma, esta falta de sensibilidade e de respeito, esta profanação à memória de meu irmão Achilles, tão amado, sensível e saudoso. [...] (VIVACQUA, [200-?]b).

A guardiã não esconde seu lado restauradora ao utilizar palavras como relíquia, profanação, degradação, e denuncia o que considerava ser uma “invasão” ao patrimônio memorial do irmão. Em suas correspondências é possível perceber o sentimento de descontentamento com o tratamento dado à memória de Achilles. Como guardiã eficiente, Eunice protege, luta com firmeza para proteger a imagem, os pertences e a obra literária do irmão. Além dessa guarda da memória de Achilles, a restauradora também preservava a de sua família.

Assim, a restauradora, de certo modo, procede como os antigos arcontes. Derrida considera que para os documentos serem guardados dentro do “*dizer a lei*” eram necessários um guardião e uma localização: “[...] mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir de suporte nem de residência” (DERRIDA, 2001, p. 12-13). O estudioso lembra que foi na “*domiciliação*”, ou seja, na “obtenção consensual de domicílio”, que surgiram os arquivos. Essa natureza está presente tanto nos arquivos físicos de Eunice Vivacqua quanto nos registros intelectuais que fez, ao escrever, também, um livro sobre a memória da casa da família Vivacqua em Belo Horizonte.

Em sua obra *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, ela resgata suas memórias de infância e, por meio de seu olhar apaixonado, saudoso e poético desenha como vivenciou os tempos do Salão ao lado de sua família, amigos e escritores importantes da cena belo-horizontina dos anos 20.

A casa dos Vivacqua foi um grande espaço, localizado na rua Gonçalves Dias, número 1218. A família se mudou para Belo Horizonte depois de Achilles Vivacqua, que veio primeiro por recomendações médicas, devido à condição agradável e favorável proporcionada pelo ar puro das montanhas da “cidade sanatório”, como era conhecida Belo Horizonte naquele período. Além de lar da família, a residência, ou Salão Vivacqua como ficou conhecida, funcionou como um importante espaço cultural, que recebeu nomes como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, dentre outros, na qual havia encontros intelectuais e sociais, como

festas, saraus e conversas literárias. Foi em seus corredores que tiveram início as primeiras trocas e ideias do que viria a se consolidar como o movimento modernista realizado em Minas.

Na abertura do livro de Eunice Vivacqua, o Presidente da Fundação João Pinheiro, Roberto Borges Martins, considera que os registros da autora sobre a memória da casa e da família são como “uma fonte límpida da qual hão de se servir quantos estejam ávidos por conhecer o folclore daquele cenário, [...] jogos, cantigas de roda, [...] a música típica dos saraus [...], das revistas literárias e dos locais mais em voga” (MARTINS, 1997, p. 7). Eunice Vivacqua faz de sua memória individual parte substantiva da memória coletiva da cidade ao afirmar que seu “[...] depoimento é evocativo, novelo que ajuda a tecer a saudade de mim mesma, recriando a atmosfera belo-horizontina dos anos 20, em cujo espaço se trançaram os fios de uma nova era cultural e política” (VIVACQUA, 1997, p. 19). Nele relembra os saraus promovidos na casa de sua família e afirma que ela, “menina tímida”, vivenciou esses momentos, sem ter noção de como eram importantes, de qual era a sua “grandeza”. Em suas palavras, suas lembranças no casarão “[...] estão vivas, aprisionadas no tempo” (VIVACQUA, 1997, p. 19). E são essas memórias “aprisionadas” que ela divide com os leitores por meio de sua prosa poética, temperada de saudade.

Na leitura de suas lembranças, é possível notar o cuidado e o zelo da escritora com sua família, principalmente com seu irmão Achilles. As palavras parecem ser cuidadosamente escolhidas com o intuito de mostrar o valor dos envolvidos nos fatos relatados. Eunice narra os acontecimentos de modo a legitimar os espaços culturais da cidade.

O jornalista, professor, sociólogo, ensaísta e também poeta, Fernando Correia Dias, ilustra bem o que se quer dizer, no texto do posfácio, presente na obra de Eunice:

[...] Entendo que a obra representa o coroamento de décadas de interesse pela memória intelectual de Belo Horizonte, por seu notável acervo documental, constando de fotos, originais de textos, depois impressos, manuscritos (dentre os quais muitas cartas), coleções de revistas diversas e de jornais literários, tudo disposto em baús e em gavetas e prateleiras de móveis antigos. Como restauradora e encadernadora, Eunice Vivacqua demonstra inegável competência no guardar e conservar esse tesouro, e grande carinho, especialmente quando ressalta o material de e sobre o poeta e escritor Achilles Vivacqua, seu irmão.

[...]

Li o texto, leve e envolvente, com dupla motivação: a do simples leitor aficionado em memórias e a do sociólogo.

Penso que Eunice Vivacqua escolheu bem o gênero adequado aos seus propósitos (reminiscências em vez de ensaio) e também o tom de sua escrita. Esta é lírica, lavrada com profundo sentimento, mas sem pieguice. O desejo de partilhar suas lembranças conosco, seus leitores, realizou-se plenamente. A antiga e bucólica Belo Horizonte nos é restituída em traços exatos, porém não destituídos de imaginação. (DIAS, 1997, p. 139-140).

Tanto no livro que escreveu quanto na organização do arquivo de Achilles Vivacqua, Eunice parece seguir o princípio arcôntico, segundo o qual, conforme as reflexões de Derrida, o arquivo não se dá apenas por sua natureza heterogênea, mas, também, por ser um princípio de consignação, de “reunião” (DERRIDA, 2001, p. 14). E é isto que faz Eunice Vivacqua: reúne sua experiência pessoal, a de seu irmão e a de toda uma família, construindo, por meio do arquivo desenvolvido inicialmente em sua casa, a “[...] possibilidade da memorização, da repetição, da reprodução” do vivido. Ainda segundo Derrida (2001, p. 22-23), a “lógica da repetição, e até mesmo a compulsão à repetição, é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte”. Essa aproximação entre a natureza repetitiva do arquivo e a pulsão de morte tem como consequência uma exposição à destruição, o que introduz “o esquecimento e a arquiviolítica no coração do monumento. No próprio ‘saber de cor’. O arquivo trabalha sempre *a priori* contra si mesmo” (DERRIDA, 2001, p. 22-23).

Dessa maneira, Derrida reconhece os lados construtivo e destrutivo que existem dentro de todo arquivo, uma contradição interna que lhe é inerente, que abriga, tomando emprestado termos de Freud, a pulsão de vida e a pulsão de morte. Em sua concepção, não é possível existir o desejo de arquivo sem a ideia da “finitude radial”, ou seja, sem a presença do esquecimento, que ultrapassa a ideia de recalçamento. Derrida (2001, p. 32) pondera, ainda, que “[...] além ou aquém deste simples limite que chamam finitude, não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou de destruição”. A preocupação primeira de Eunice, a de divulgar a obra do irmão e a memória cultural da família e de Belo Horizonte, está fundada na terrível possibilidade do esquecimento completo de sua arte e de sua relevância.

Assim, gestos expressivos como recolher, higienizar, organizar, arquivar e entregar à instituição de pesquisa se tornam resistência ao esquecimento. Em suas reflexões sobre Marques afirma que:

No arquivamento, opera-se uma ruptura com o testemunho, normalmente oral e ouvido, pertencente à memória viva. Vivificada pela presença de um interlocutor preciso, a estrutura dialogal do testemunho cede lugar aos documentos depositados no arquivo, desvinculados de um destinatário específico, dos autores de seus testemunhos, mas submetido aos cuidados de seus arcontes, capaz de prestar-lhes socorro. (MARQUES, 2008, p. 105).

Como bem lembram os pesquisadores Esmeralda Guimarães Meira e José Rubens Mascarenhas de Almeida, no artigo “História e memória no arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima (o arquivo, o arquivista, o arconte)”, na concepção geral de um arquivo habitam “memórias seletivas construídas”, e, por vezes “forjadas”, que são utilizadas de diferentes maneiras, para diferentes propósitos (MEIRA; ALMEIDA, 2016, p. 46).

Mostrando as cautelas e os perigos encontrados nos estudos dos arquivos, Luciana Quillet Heymann, em “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller”, alerta sobre a impossibilidade, ou melhor, grande dificuldade, de discernir o que foi realmente preservado pelo titular do arquivo, o que foi descartado, o que foi perdido ou o que foi doado a terceiros. Neste sentido, de acordo com ela, “[...] há documentos, inexistentes no arquivo, que não comprometeriam a imagem do titular e para os quais existem inclusive registros de que tenham sido produzidos” (HEYMANN, 1997, p. 57). É essa a mesma postura de Eunice Vivacqua. Ao organizar o arquivo do irmão, dá a ele um tom de proteção à imagem da família e à imagem pública do escritor. No material reunido percebe-se a postura da arquivista ao percorrer o modo como lista os bens, abriga a memória que recebeu e que pretende preservar e, se possível, restaurar.

Esse gesto de arquivista também está visível na maneira como ela preparou os fundos para doar ao AEM. Ao tornar-se guardiã dos objetos do irmão, ela os ordenou a partir de um critério próprio, de modo a conceber uma imagem para o escritor Achilles Vivacqua. Feita essa organização arquivística, com um determinado olhar para a obra e a figura do irmão, Eunice solicitou aos filhos que o mostrasse ao mundo, para que

pudesse ser divulgado e colocado disponível para pesquisadores, a partir daquilo que construiu. Esse gesto parece confirmar o pensamento de Le Goff para quem “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, [...] lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 2003, p. 469). Com sua forma de atuação, Eunice Vivacqua promove a sobrevivência da figura pública do irmão, possibilitando que a obra de Achilles Vivacqua rompesse as fronteiras dos guardados familiares. Assim veio à tona a atuação intelectual de Achilles que, mesmo fragilizado pela doença, atuou ativamente nos principais jornais e revistas de seu tempo e dedicou-se a vários tipos de textos, como poesia, contos, textos críticos, jornalísticos, crônicas de moda, resenhas de livros e epigramas, revelando, assim, um projeto literário criativo e, ao que parece, experimental.

Le Goff, no capítulo sobre a memória em *História e Memória* (2003), demonstra o quanto é crucial o conceito de memória não apenas para as Ciências Humanas. Essa importância se dá, segundo ele, pelo fato de a memória ser uma propriedade que atravessa as mais diferentes áreas da ciência que lida com informações, atualizações, impressões nas distintas dimensões temporais. O pesquisador lembra e ressalta a importância da memória coletiva exaltada ao longo do tempo e buscada tanto nos textos e nas palavras, como “nas imagens, nos ritos, nas festas” e acrescentaríamos, nos arquivos (LE GOFF, 2003, p. 466). A atitude de publicar os guardados da família é algo que, ainda conforme Le Goff, “procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Eunice Vivacqua, ao tomar posse dos guardados de Achilles, interferiu na formação original do arquivo do titular, dando novas ordenações, selecionando, talvez até mesmo descartando alguns documentos. Não podemos afirmar que o que chegou ao AEM era exatamente o que Achilles Vivacqua doou. O que se sabe, por seu depoimento, é que ela acrescentou objetos que conseguiu recolher depois.

Por sua postura protetora, zelosa, percebemos que ela elaborou meticulosamente a imagem do irmão com o intuito de mostrar toda a sua importância, seu valor como pessoa e como artista. Nesse sentido, o documento mais importante é aquele³ enviado por Eunice com informações sobre o irmão, destacado a seguir:

³ Estudos detalhados sobre este documento estão em Carvalho (2019, p. 28-35).

FIGURA 1 – Documento “Achilles, o Homem”

ACHILLES O HOMEM

Homem tranquilo; amou a paz serena das paisagens melancólicas e quietas dos crepúsculos mineiros.

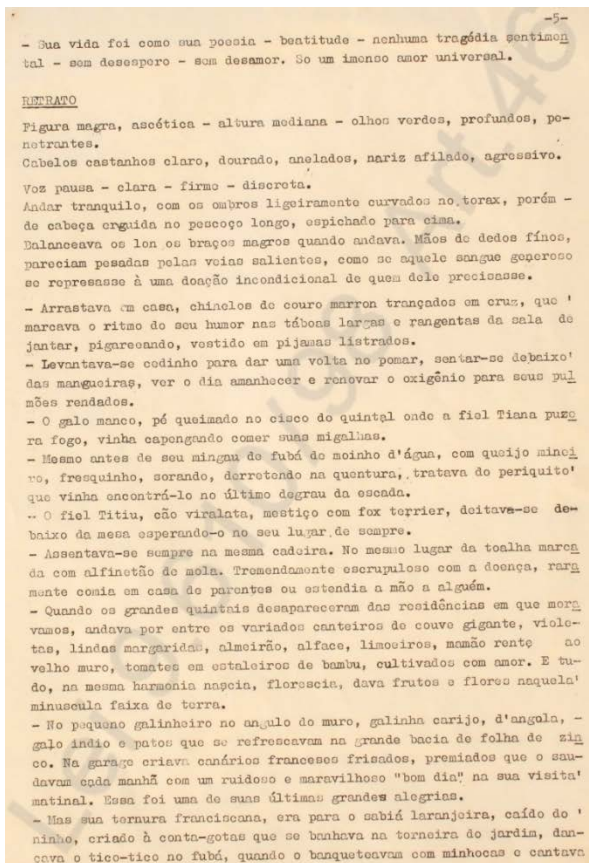
Sua figura humana impressionava pela sensibilidade - inteligência que a gente só descobre quando tem vivência com ele.

- Tímido mas de uma franqueza ríspida para com as coisas que não refletiam retidão de caráter, irreverente de intensidade expressional e apurado senso de justiça: Um sincero intérprete de sua paisagem interior.
- Observador de uma meticulosidade oriental, analítico, sarcástico com os presunçosos e sensitivo com os pobres e humildes, demonstrando senso social agudo pois que a miséria do outro causava-lhe dor física.
- Sua vida foi uma constante de atitudes marcantes pela sensibilidade transbordante, pela busca contínua da beleza, verdade e justiça que influíram terrível e benéficamente naqueles que lhes eram próximos.
- Se, reservado ao primeiro contato, o seu convívio gradativamente se tornava ameno, um encanto de humor pela ironia sutil.
- Não dedicou poema algum aos seus dois amores da mocidade e maturidade. Estes versos de amor ele os ritmou, cantou e gravou no seu mundo interior.
- Um certo constrangimento, pudor, em revelar os seus sentimentos deixava-lhe aquele "jeito de quem carregava uma tristeza mansa, leve, que dava a impressão de fazer bem".

Era sobretudo um lírico, simples, espontâneo.

Fonte: VIVACQUA, [200-?]a, p. 4.

FIGURA 2 – Documento “Retrato”



Fonte: VIVACQUA, [200-?]b, p. 5.

FIGURA 3 – Documento “Retrato”

-6-

empoleirado no espaldar alto da cadeira de palhinha, na qual trabalhava o poeta, repetindo em música a melodia dos versos que escrevia.

- Seu cão Titiu o seguia por toda a parte. Dormia na porta do seu quarto, e lá permaneceu desde a saída do enterro, recusando a coia de alimento e morreu de tristeza logo que voltamos da missa do sétimo dia.

- Já Cunga - o feroz boxeur alemão, guardava o seu sossego, satisfazia sua vaidade, invejando muita gente, quando o arrastava em grossas correntes polidas e brilhantes, no tradicional passeio dos cães de raça pelo quarteirão.

- Apreciava entre outros os pratos mineiros: couve-angu com quiabo, tutu, frango ao molho parido - canjiquinha, lombo assado com farofa dou-rada na manteiga, batatinha frita fininha como palito.

- Sopa Juliana com legumes picados que pareciam confetes coloridos - sopa de batata larva. Parecia lagarto para verdura, no dizer da Tia. Bron de fubá redonda temperada com cravo, erva doce canela, moidos - juntos. Cuscuz - Queca - queijo de pescocinho, curtido. Doce de leite com coco - compota e doces de frutas brasileiras gelatina de ameixa - preta com creme chantelly e morangos - manga - mamão - banana ouro.

- Adorava chá preto com torradas douradas de pão de sal comum, fininhas transparentes.

- Vibrava e se inspirava no samba do morro, nas modinhas sertanejas hoje em dia tão em moda, além dos eruditos como Bach - Grieg - Vivaldi - Música Renascentista - Barroca - antiguidades.

- Tinha devoção por Nossa Senhora das Dores, e sua estampa, colada em papelão, estava na sua mesinha de cabeceira.

- Nos últimos dias sofridos de sua vida, tomava água com pétalas de rosas marchas de Santa Terozinha que sua amada lhe enviava.

- Gostava do perfume da malva e do verde sempre viçoso na janela do seu quarto e, quando as folhas amarelavam com o tempo as colhia e com elas, marcava as páginas do livro que lia no momento.

- Homem sem grandes vícios, não jogava e bebia apenas bons vinhos tintos fumava muito, mas cigarro de palha, o fumo de rolo picado, enrolado como num ritual: saboreava-o como um caboclo calado, pensando recordando talvez. Na Boemia do velho Belo, com seu grupo de intelectuais, o João Borna preparando sempre das suns. Nos últimos tempos só saía de casa, num itinerário certo: receber a aposentadoria, passar na volta pela alfajataria do Andrade, na Rua da Bahia, ver o movimento do Bar do Ponto.

- Não fazia visitas, mas gostava de recebê-las nos domingos reunia para o ajuntamento a turma de literatos mineiros e capichabas, estudantes em Minas, a conversa integrativa à sombra das mangueiras da Rua Sergipe 343 ou debaixo ou nos galhos da jaboticabeira da Rua Pernambuco 246

FIGURA 4 – Documento “Retrato”

-7-

- As crianças o encantavam, olhava-as com ternura comovente, mas devido a doença, delas não se aproximava.

- Quando levava minha primeira filha Vera Elisabeth para visitá-lo ôle espichava o olhar de longe e dizia que era o anjo mais lindo fugido do céu, "só mesmo, para caduquice de São Pedro".

- Que tinha um poema para aquele anjo barroco de cachos dourados como as noceiras dos jardins mineiros. Poema jamais encontrado: Talvez tenha servido de aviõzinho para alguém quando andou pelo Morro das Pedras.

- Deste tempo guardo o remorso de não ter ido ajudá-lo como fazia sempre, no banho de chuveiro, como me pedia. Obedecendo à proibição médica lá não apareci, antes do sol ir embora, desculpendo-me do atraso - com uma gripe de seu anjo barroco.

Ôle se zangou comigo. Estava doído por uma chuveirada até o calção - grosso já estava no tamborote a bucha para se livrar daquela cocceira - danada, no costado, que o banho de água + álcool não espantava, até raiva - passou.

- Conversamos muito. Antes de ir-me embora tirou da maleta uma lapideira colonial deu-me alegando que eu gostava de coisa velha.

- Já de partida, chamou-me pelo corredor comprido que dava para sua janela e deu-me a sua lata de malva para tirar uma muda. Sabia que eu via desejando aquela sua malva...

- Lembrou-me que recusei com um calafrio. Era o mesmo que Aladin desapegando-se de sua lâmpada maravilhosa, mas ôle estava alegre e sua insistência tinha um quê de uma ordem.

- Era a melhora da morte, da qual parecia não ter medo, já que para ele a "vida" era a busca da liberdade, e da auto-realização".

- Foi a última vez que o vi vivo, mas, dois dias depois, ele veio dar-me o seu adeus, como o fizeram também a meu pai e depois a minha irmã. Naquela fria madrugada de 2 de dezembro de 1942 acordei em sobresalto. Um vento forte invadia meu quarto. Cheguei à janela aberta. Folhas secas rodopiavam na Rua deserta calçada de paralelepípedos. Sai de casa correndo, sozinha, ladeira abaixo, pela rua Rio Grande do Norte até avenida Afonso Pena nº 1967 e quando lá cheguei ôle acabara de penetrar no Infinito Imponderável, deixando atrás de si um espiral de sofrimento mas sobretudo de expressão humana e vivencial para todos nós.

- Está enterrado no Cemitério do Bomfim - Quadra nº 49 - túmulo nº 271 tendo conforme o seu desejo o poema:

"Minha última oferenda a ti".

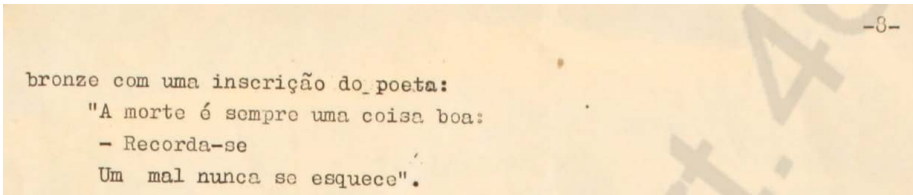
Gravado num livro de bronze - aberto, trabalho de consagrada artista Jean Hilde.

- O túmulo é em mármore acizentado.

- Uma longa cruz que começa na cabeceira, acompanha o corpo, crescendo, se curvando quando encontra novamente a terra e para numa plaqueta de'

Fonte: VIVACQUA, [200-?]b, p. 7.

FIGURA 5 – Documento “Retrato”



Fonte: VIVACQUA, [200-?]b, p. 8.

Ao traçar o tipo físico do irmão, Eunice Vivacqua salienta a fragilidade aparente e a contrasta com a cabeça erguida. Destaca a magreza, seus braços longos e finos, os dedos alongados, as veias aparentes e os ombros ligeiramente curvados no tórax. Contrasta, ainda, os cabelos anelados com um fino e agressivo nariz (CARVALHO, 2019, p. 29).

A irmã apresenta o homem com palavras significativas de modo a mostrá-lo como uma figura, sensível, inteligente, tímido, por vezes ríspido, mas invariavelmente reto de caráter.

Por essas descrições, e pelas características que se quer salientar, observa-se o quanto a arquivista, ao desenhar a figura humana do escritor, o torna um sujeito dotado preferencialmente de qualidades positivas. Ainda que introvertido, é apresentado como sujeito bem-humorado, ainda que sensível, também ríspido. Também são salientadas sua altivez e ironia. Todos os aspectos referentes ao temperamento do escritor foram apresentados em uma linguagem que procurava ser precisa e poética. Eunice salienta que o temperamento de Achilles era condizente ao de um homem que “amou a paz sonolenta das paisagens melancólicas e quietas dos crepúsculos mineiros” (VIVACQUA, [200-?]a, p. 4), com admirável sensibilidade e inteligência. A irmã o considerava um sujeito atento à realidade ao seu redor, racional, “sarcástico com os presunçosos” e com uma sensível e expressiva preocupação com o social, chegando a sentir “dor física” perante a “miséria do outro” (VIVACQUA, [200-?]a, p. 4).

Ainda segundo Eunice, a vida do escritor foi “uma constante de atitudes marcantes pela sensibilidade transbordante, pela busca contínua da beleza, verdade e justiça que influíram terrível e beneficentemente naqueles que lhes eram próximos” (VIVACQUA, [200-?]a, p. 4). O que se pode observar, e confirmar, é que a apresentação feita pela irmã contribui para a construção de uma imagem positiva do escritor e indica caminhos para a leitura de seus textos ao marcar características

como o lirismo, a simplicidade e a espontaneidade, que tanto poderiam ser traços da personalidade, quanto da escrita acadêmica e poética de Achilles Vivacqua. Para Eunice, o irmão, metucioso e preocupado com sua condição enferma, mantinha o assento, sinalizado pelo alfinetão de mola cravado na toalha da mesa. Acrescenta que ele era um admirador da culinária mineira, do café preto com torradas, dos sambas do morro, das modinhas sertanejas, de Bach, Grieg, Vivaldi, de música renascentista, barroca e de antiguidades. Diz também que Achilles se mostrava fortemente devoto de Nossa Senhora das Dores e que bebia água em pétalas de rosas murchas de Santa Terezinha, que eram enviadas por sua amada. Era também um apreciador do “perfume da malva e do verde sempre viçoso na janela do seu quarto e, quando as folhas amarelavam, com o tempo, as colhia e com elas marcava as páginas do livro que lia no momento” (VIVACQUA, [200-?]b, p. 6 *apud* CARVALHO, 2019, p. 30).

Observa-se que, nesse olhar protetor da irmã, são escolhidos elementos muito significativos para o traçado que se faz da imagem do irmão: alguns aspectos físicos, índices do seu temperamento, de sua forma de observar o mundo, de sua religiosidade, de seus gostos musicais, seus pequenos hábitos como homem doente, seu relacionamento com estranhos. Roteiro muito comum para a criação de um personagem, que é aqui presentificado pela descrição daquela que desenha um Achilles Vivacqua mais completo do que pode ser uma fotografia.

O testemunho de Eunice Vivacqua apresenta um olhar protetor, de certa veneração e exaltação da figura do homem Achilles e de sua obra. Tal como fez em seu livro *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, ela procura perenizar a memória de sua família, em particular de seu irmão. Da forma como constrói sua escrita, nota-se um labor e um cuidado para conferir e demonstrar a importância deles e de suas histórias. Era uma restauradora, profissional, guardiã de memórias e, em seu testemunho, de certo modo, age como tal. Talvez tenha sido por isso que Achilles, ao pressentir sua morte, deixou a ela toda sua obra literária, além de biblioteca e objetos pessoais, e pediu-lhe que o divulgasse para o mundo, para além de seu tempo.

Como é possível perceber ao analisar o documento apresentado, a ação de Eunice Vivacqua é a mesma que encontramos em *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*. Por meio de seu olhar cuidadoso, lírico, atento, minucioso e protetor, ela não apenas recupera suas memórias, mas procura valorizá-las, mostrar a importância de tudo o que traduz, guardá-las e mostrá-las ao mundo. Não testemunhamos apenas o gesto de alguém que

se preocupa com a preservação memorialística, de um arconte, mas de alguém que, além de arquivar, confere significado e valor a tudo o que guarda. Por meio de sua linguagem poética, quer atrair a atenção de todos para a sua família, para os tempos do Salão Vivacqua e para o seu irmão Achilles. Pretende persuadir e convencer a todos sobre a importância da memória e imagem dos seus. Uma arconte confessadamente apaixonada por seus guardados.

Junto com um arquivo material, físico, de um arquivista propriamente dito, Eunice nos oferece um outro, de ordem simbólica, ideológica, que foi construído de modo apaixonado. Achilles Vivacqua organizou-se em um arquivo e o deu a sua irmã de confiança, Eunice Vivacqua, na esperança e solicitando que ela o divulgasse para além de seu tempo, sua vida e obra literária. Eunice, por fim, reordenou, à sua maneira, o arquivo recebido, dando vida a outro, que contém suas próprias marcas e intenções.

Tal prática de construir arquivos, como lembra Pimenta (2012, p. 34), permite ao homem “[...] a construção de si para si, e, por vezes, para outros”. Assim, pensando sobre essa lógica, Achilles arquivou-se primeiramente para si mesmo. Posteriormente, sua irmã, ao tratar esse arquivo inicial, construiu uma imagem particular para seu irmão. Eunice, se pensarmos em seu arquivo, agiu da mesma maneira. Ao organizar o arquivo do irmão, criou um arquivo de si, o que resulta numa criação dupla de personagens aparentemente restaurados; a imagem de Achilles, o escritor, e de Eunice, a guardiã da memória com seus documentos e seus silêncios. Memória que pretende, ainda que impossível, ser feita apenas da lembrança (lembrar para lembrar!) numa ação que pretende subverter o que o arquivo tem de esquecimento e destruição.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 31, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 17 abr. 2019.

CARVALHO, Juliana Cristina de. *O artista e a melancolia: Achilles Vivacqua*. 2019. 222 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 11-111.

DIAS, Fernando Correia. Tempos do Salão. In: VIVACQUA, Eunice. *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais: Fundação João Pinheiro, 1997. p. 139-140. (Coleção Centenário).

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>. Acesso em: 17 abr. 2019.

HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 19, n. 1, p. 261-282, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000100014&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 26 jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000100014>.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 423-477.

MARQUES, Reinaldo Martiniano. Memória literária arquivada. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 18, p. 105-117, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1442>. Acesso em: 20 abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.18.0.105-119>.

MARTINS, Roberto Borges. Salão Vivacqua. In: *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais: Fundação João Pinheiro, 1997. p. 7. (Coleção Centenário).

MEIRA, Esmeralda Guimarães; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. História e memória no arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima (o arquivo, o arquivista, o arconte). *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 31, p. 43-56, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/2585/2333>. Acesso em: 17 abr. 2019.

PIMENTA, Márcio Flávio Torres. *Arquivos literários, lugares da memória: o caso do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG*. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VIVACQUA, Eunice. [*Correspondência*]. Destinatário: Dina. Belo Horizonte, 08 out. 1972. (Documento da Coleção Especial Achilles Vivacqua do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, Série Fortuna Crítica).

VIVACQUA, Eunice. Achilles: o homem. *Acervo de Escritores Mineiros da UFMG*, Belo Horizonte, [200-?]a. (Documento da Coleção Especial Achilles Vivacqua, Série Fortuna Crítica).

VIVACQUA, Eunice. Retrato. *Acervo de Escritores Mineiros da UFMG*, Belo Horizonte, [200-?]b. (Documento da Coleção Especial Achilles Vivacqua, Série Fortuna Crítica).

VIVACQUA, Eunice. *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais: Fundação João Pinheiro, 1997. (Coleção Centenário).

Recebido em: 2 de maio de 2019.

Aprovado em: 28 de agosto de 2019.